



Será finalmente o sentimento estético a ossatura do historiador?

A novela de Cervantes me ensinou até que ponto um historiador necessita da Literatura para compreender a dramática vida social, porque, em qualquer momento, um indivíduo pode se converter em testemunho das transformações econômicas, culturais e políticas de todo um país. Ninguém pode ficar fora do jogo da História, mesmo que queira fazê-lo.

José Enrique Ruiz-Domènec,
España, uma nueva Historia.

É com satisfação que apresento ao público de língua portuguesa a décima terceira edição da *Revista Mirabilia*, que tem como título de seu volume temático *As relações entre a História e a Literatura no Mundo Antigo e Medieval*.

Mais de uma década nos separa de nossa *première*, e é com regozijo que, além de comemorar o lançamento deste volume, ressalto nossas modestas inovações: a nova diagramação e a indexação na *Regesta Imperii ...* – a *Mirabilia*, ademais, já está há algum tempo indexada na *Dialnet* (Universidad de La Rioja) e na *Interclassica* (Universidad de Murcia), o que mostra a notável visibilidade que nossa publicação tem no exterior. Resta agora o nosso país.

Há tempos que a historiografia de ponta considera as possibilidades interdisciplinares na análise das sociedades humanas no tempo, embora em nossos círculos acadêmicos nacionais o ato de relacionar textos literários ou artísticos com a análise documental “mais institucional”, por exemplo, soe aos ouvidos mais “ortodoxos” de boa parte de nossos colegas como uma heresia.

Não obstante, desde pelo menos a Terceira Geração da *Escola dos Annales* (1969-1989), refletir o passado é, sobretudo, um exercício literário, ou

melhor, uma compreensão empática com as formas de pensamento, de vivência social, de práticas econômicas e culturais da Humanidade. Melhor: desde **Georges Duby** (1919-1996). Tudo culmina com Duby. E será que um dia escreveremos como ele?

Ademais, o melhor exercício do historiador ao interpretar o passado deve ter, acima de tudo, um sentido, um *sentimento estético*, chave mental arquetípica para adentrar compreensivamente nas perspectivas existenciais de outrora.

A Literatura, neste sentido, é um veículo transmissor das múltiplas possibilidades humanas, particularmente quando nós mergulhamos – ou conseguimos mergulhar – nos maravilhosos clássicos que as sociedades pré-industriais nos legaram. Por isso, relacionar História e Literatura, mesclá-las com Arte, constitui uma das mais delicadas operações imaginativas do historiador. Que o diga o notável **Simon Schama** (1945-).

Ademais, a afirmação de **Beethoven** (1770-1827) – que a música é uma revelação mais elevada do que qualquer sabedoria ou filosofia – deve ser aceita em sua literalidade: compreender, nesse sentido, é *vivenciar o passado possível*, o passado projetado na Literatura, na Arte, enfim, o passado reconstituído na imaginação criativa do historiador.

Mirabilia 13 conta com treze artigos muito interessantes e que abordam essa perspectiva historiográfica que aqui ressaltamos em praticamente todo o espectro cronológico do mundo antigo e medieval.

José Ricardo Pierpauli aborda a poesia de Lucrécio (99-55 a. C.) com a seguinte tese: que o *novus ordo naturae* lucreciano é o ponto de partida para uma reconstrução de uma Filosofia Política precursora dos temas da Filosofia Política Moderna e Contemporânea.

Lilian Regina Gonçalves Diniz desenvolve o tema do famoso saque de Roma de 410 em duas obras literárias: *De Redito suo*, de Rutilius Claudius Namatianus (séc. V), e *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho (354-430).

Elton de Medeiros analisa os elementos que deram ensejo à construção do que considera o mito do rei Alfredo, o Grande (c. 848-899), especialmente os elementos textuais presentes na *Historia Ecclesiastica* de Beda, o *Venerável* (c.672-735).

Edmar Checon de Freitas e **Renan Marques Birro** trataram do processo de coroação dos reis noruegueses, especialmente a cerimônia de Magnús Erlingsson (1156-1184), a partir da análise da *Privilegiebrev* (*Carta de Privilégios*, c.1163-1164).

Ademir Luiz da Silva interpreta *A demanda do Santo Graal* e sua relação com o ideal cavaleiresco propugnado por São Bernardo de Claraval, tema clássico na literatura do período.

Ana Arguelho analisa a literatura medieval no âmbito da Educação, e seleciona o caso histórico de Ramon Llull (1232-1316), isto é, as possibilidades da educação laica na formação do homem medieval. Além disso, aborda o ensino nas escolas e a organização da sociedade sob a lupa da literatura medieval.

Vicent Baydal Sala aborda a figura histórica do cavaleiro valenciano Francesc de Vinatea (1273-1333), *jurat en cap* da capital do reino de Valência, na *Crônica do rei Pedro, o Cerimonioso* (IV de Aragão e III de Catalunha-Aragão, 1319-1387), a quarta das belíssimas crônicas escritas em catalão nos séculos XIII-XIV.

Cecilia Devia trata da construção da imagem dos reis Pedro I (1334-1369) e Henrique II de Castela (1334-1379) na *Crônica do chanceler de Ayala*, enquanto **José Carlos Camacho** apresenta um interessante trabalho sobre o Rif marroquino e a história antiga e medieval dos povos galego-português e berbere abrangendo o quadrante Galiza/Irlanda/Bretanha até o Rif norte africano.

Estefania Bernabé aborda *O Livro do Bom Amor* (séc. XIV), obra escrita por Juan Ruiz, mais conhecido como Arcipreste de Hita (c. 1283-1351), que é uma importante fonte literária (e crítica) do comportamento do clero hispânico da Baixa Idade Média.

Em um interessante trabalho interdisciplinar, **Catarina Alexandra Martins Fernandes Barreira** relaciona as gárgulas e os textos portugueses dos sécs. XV e XVI, e **José María Salvador González** interpreta o afresco *La Dormición de la Virgen* da Igreja de Panagia Peribleptos (Ohrid, Macedônia), obra dos pintores gregos da Tessalônica Miguel Astrapas e Eutychios (c. 1294-1317).

António Rei analisa a obra *Laude Spaniae* de Isidoro de Sevilha nas crônicas peninsulares dos séculos VIII-XIV.

Mirabilia 13 ainda conta com uma importante resenha de Sònia GROS I LLADÓS (UNED). Essa especialista do universo humanístico do alvorecer da Modernidade apresentam uma das obras mais importantes lançadas recentemente e que traz à luz uma série de artigos a respeito do tema: *L'humanisme a la Corona d'Aragó* (en el context hispànic i europeu), obra fundamental para quem deseja se debruçar sobre o conceito, já que aprofunda as características do movimento humanista nas obras dos autores mais emblemáticos dos séculos XIV e XV.

Abordar os diferentes e variados aspectos da História e da Literatura do mundo antigo e medieval – e de um modo interdisciplinar – faz com que, necessariamente, o investigador do passado trate também da Arte. Como já bem destacou o historiador **José Enrique Ruiz-Domènec** (1948-), *sem arte não há vida*, muito menos *vida do pensamento*, talvez a mais sublime manifestação da existência humana no tempo. E a chave para a plena compreensão histórica está na *contemplação estética* das diversas manifestações artísticas da Humanidade, seja na Música, na Poesia, na Arte ou na Literatura.

Confesso que *Mirabilia 13* tenta prestar uma homenagem aos solitários colegas historiadores que, como eu, vivem submersos nas brumas agitadas pelos rudes e insensatos que só pensam na Economia ou na Política como temas válidos de investigação do passado, que foi, é e será muito mais do que isso, felizmente. Será ainda a política a ossatura da História como questionou **Jacques Le Goff** (1924-) há mais de três décadas? Ou a Economia?

De minha parte, preferiria ver os historiadores comprometidos com a contemplação estética do passado, e que a ossatura da História fosse o envolvente sentimento de fruição da beleza do tempo. Como em **Georges Duby**. O historiador deve, ou deveria, entrar em empatia com as mentes mais elevadas de cada época, e reformular suas intuições em *sintonia compreensiva* com o tempo escolhido, como já afirmou **Joscelyn Godwin** (1945-). E de um modo belo, como a representação poético-artística do conde Rodolfo de Neuenburg, poeta germânico do *Codex Manesse* (séc. XIII), nessa iluminura que adorna este volume temático da *Revista Mirabilia 13*.

Pensando bem, talvez organizar e publicar *Mirabilia 13 – As relações entre História e Literatura no Mundo Antigo e Medieval*, seja mais do que uma singela homenagem aos espíritos sensíveis que, como o estóico Sêneca (4 a. C. - 65 d.C.) e eu, pensam que ter gostos refinados em meio à indigência é insuportável, já que a natureza dotou-nos de uma alma receptiva ao *sublime*. Trata-se no fundo, creio, de uma *sublimação*: o irreprimível desejo de compartilhar a minha solidão intelectual.

Vitória, dezembro de 2011
Ricardo da Costa
www.ricardocosta.com